

DOMINGO XV DO TEMPO COMUM

CIC 1506-1509: os discípulos partilham a missão curativa de Cristo

- 1506** Cristo convida os discípulos a seguirem-no, tomando a sua cruz¹. Seguindo-O, eles adquirem uma nova visão da doença e dos doentes. Jesus associa-os à sua vida pobre e servidora. Fá-los participar no seu ministério de compaixão e de cura: E eles «partiram e pregaram que era preciso cada um arrepender-se. Expulsavam muitos demónios, ungiam com óleo numerosos doentes, e curavam-nos» (*Mc* 6, 12-13).
- 1507** O Senhor ressuscitado renova esta missão («em Meu nome... não-de impor as mãos aos doentes, e estes ficarão curados»: *Mc* 16, 17-18) e confirma-a por meio dos sinais que a Igreja realiza invocando o seu nome². Estes sinais manifestam, de modo especial, que Jesus é verdadeiramente «Deus que salva»³.
- 1508** O Espírito Santo confere a alguns o carisma especial de poderem curar⁴ para manifestar a força da graça do Ressuscitado. Todavia, nem as orações mais fervorosas obtêm sempre a cura de todas as doenças. Assim, São Paulo deve aprender do Senhor que «a minha graça te basta: pois na fraqueza é que a minha força actua plenamente» (*2 Cor* 12, 9), e que os sofrimentos a suportar podem ter como sentido que «eu complete na minha carne o que falta à paixão de Cristo, em benefício do seu corpo, que é a Igreja» (*Cl* 1, 24).
- 1509** «Curai os enfermos!» (*Mt* 10, 8). A Igreja recebeu este encargo do Senhor e procura cumpri-lo, tanto pelos cuidados que dispensa aos doentes, como pela oração de intercessão com que os acompanha. Ela crê na presença vivificante de Cristo, médico das almas e dos corpos, presença que age particularmente através dos sacramentos e de modo muito especial da Eucaristia, pão que dá a vida eterna⁵ e cuja ligação com a saúde corporal é insinuada por São Paulo⁶.

CIC 737-741: a Igreja é chamada a proclamar e testemunhar

- 737** A missão de Cristo e do Espírito Santo completa-se na Igreja, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo. Esta missão conjunta associa, doravante, os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo: o Espírito *prepara* os homens e adianta-se-lhes com a sua graça para os atrair a Cristo. *Manifesta-*

¹ Cf. *Mt* 10, 38.

² Cf. *Act* 9, 34; 14, 3.

³ Cf. *Mt* 1, 21; *Act* 4, 12.

⁴ Cf. *1 Cor* 12, 9.28.30.

⁵ Cf. *Jo* 6, 54.58.

⁶ Cf. *1 Cor* 11, 30.

lhes o Senhor ressuscitado, lembra-lhes a sua Palavra e abre-lhes o espírito à inteligência da sua morte e da sua ressurreição. *Torna-lhes presente* o mistério de Cristo, principalmente na Eucaristia, com o fim de os reconciliar, de os pôr *em comunhão* com Deus, para os fazer dar «muito fruto»⁷.

738 Assim, a missão da Igreja não se acrescenta à de Cristo e do Espírito Santo, mas é o sacramento dela: por todo o seu ser e em todos os seus membros, é enviada para anunciar e testemunhar, actualizar e derramar o mistério da comunhão da Santíssima Trindade (será este o objecto do próximo artigo):

«Nós todos, que recebemos o único e mesmo Espírito, quer dizer, o Espírito Santo, fundimo-nos entre nós e com Deus. Porque, embora sejamos numerosos separadamente, e Cristo faça com que o Espírito do Pai e seu habite em cada um de nós, este Espírito único e indivisível reconduz pessoalmente à unidade os que são distintos entre si [...] e faz com que todos apareçam n'Ele como sendo um só. E assim como o poder da santa humanidade de Cristo faz com que todos aqueles em quem ela se encontra formem um só corpo, penso que, do mesmo modo, o Espírito de Deus, que habita em todos, único e indivisível, os leva todos à unidade espiritual»⁸.

739 Uma vez que o Espírito Santo é a unção de Cristo, é Cristo, a Cabeça do corpo, quem O derrama nos seus membros para os alimentar, os curar, os organizar nas suas mútuas funções, os vivificar, os enviar a dar testemunho, os associar à sua oferta ao Pai e à sua intercessão pelo mundo inteiro. É pelos sacramentos da Igreja que Cristo comunica aos membros do seu corpo o seu Espírito Santo e santificador (será este o objecto da segunda parte do Catecismo).

740 Estas «maravilhas de Deus», oferecidas aos crentes nos sacramentos da Igreja, dão os seus frutos na vida nova em Cristo, segundo o Espírito (será este o objecto da terceira parte do Catecismo).

741 «Também o Espírito Santo vem em auxílio da nossa fraqueza, porque não sabemos o que pedir nas nossas orações; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis» (*Rm* 8, 26). O Espírito Santo, artífice das obras de Deus, é o Mestre da oração (será este o objecto da quarta parte do Catecismo).

CIC 849-856: origem e amplitude da missão da Igreja

849 *O mandato missionário.* «Enviada por Deus às nações, para ser o sacramento universal da salvação, a Igreja, em virtude das exigências íntimas da sua própria catolicidade e em obediência ao mandamento do seu fundador, procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens»⁹. «Ide, pois, fazei discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo quanto vos mandei. E eis que Eu estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (*Mt* 28, 19-20).

⁷ Cf. *Jo* 15, 5.8.16.

⁸ SÃO CIRILO DE ALEXANDRIA, *Commentarius in Iohannem* 11, 11: PG 74, 561.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 1: AAS 58 (1966) 947.

- 850** *A origem e o fim da missão.* O mandato missionário do Senhor tem a sua fonte primeira no amor eterno da Santíssima Trindade: «Por sua natureza, a Igreja peregrina é missionária, visto ter a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo»¹⁰. E o fim último da missão consiste em fazer todos os homens participantes na comunhão existente entre o Pai e o Filho, no Espírito de amor¹¹.
- 851** *O motivo da missão.* É ao amor de Deus por todos os homens que, desde sempre, a Igreja vai buscar a obrigação e o vigor do seu ardor missionário: «Porque o amor de Cristo nos impele...» (2 Cor 5, 14)¹². Com efeito, «Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 4). Deus quer a salvação de todos, mediante o conhecimento da *verdade*. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito da verdade estão já no caminho da salvação. Mas a Igreja, à qual a mesma verdade foi confiada, deve ir ao encontro dos que a procuram para lha levar. É por acreditar no desígnio universal da salvação que a Igreja deve ser missionária.
- 852** *Os caminhos da missão.* «O protagonista de toda a missão eclesial é o Espírito Santo»¹³. É Ele que conduz a Igreja pelos caminhos da missão. E esta «continua e prolonga, no decorrer da história, a missão do próprio Cristo, que foi enviado para anunciar a Boa-Nova aos pobres. É, portanto, pelo mesmo caminho seguido por Cristo que, sob o impulso do Espírito Santo, a Igreja deve seguir, ou seja, pelo caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesma até à morte – morte da qual Ele saiu vitorioso pela ressurreição»¹⁴. É assim que «o sangue dos mártires se torna semente de cristãos»¹⁵.
- 853** Porém, no seu peregrinar, a Igreja também faz a experiência da «distância que separa a mensagem de que é portadora, da fraqueza humana daqueles a quem este Evangelho é confiado»¹⁶. Só avançando pelo caminho «da penitência e da renovação»¹⁷ e entrando «pela porta estreita da Cruz»¹⁸ é que o povo de Deus pode expandir o Reino de Cristo¹⁹. Com efeito, «assim como foi na pobreza e na perseguição que Cristo realizou a redenção, assim também a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação»²⁰.
- 854** Pela sua própria missão, «a Igreja faz a caminhada de toda a humanidade e partilha a sorte terrena do mundo. Ela é como que o fermento e, por assim dizer, a alma da sociedade humana, chamada a ser renovada em Cristo e trans-

¹⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2: AAS 58 (1966) 948.

¹¹ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 23: AAS 83 (1991) 269-270.

¹² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 6: AAS 58 (1966) 842-843; JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 11: AAS 83 (1991) 259-260.

¹³ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 21: AAS 83 (1991) 268.

¹⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 5: AAS 58 (1966) 952.

¹⁵ TERTULIANO, *Apologeticum* 50, 13: CCL 1, 171 (PL 1, 603).

¹⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 43: AAS 58 (1966) 1064.

¹⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12; cf. *Ibid.*, 15: AAS 57 (1965) 20.

¹⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 1: AAS 58 (1966) 947.

¹⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 12-20: AAS 83 (1991) 260-268.

²⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 8: AAS 57 (1965) 12.

formada em família de Deus»²¹. O esforço missionário exige, portanto, *paciência*. Começa pelo anúncio do Evangelho aos povos e grupos que ainda não acreditam em Cristo²²; prossegue no estabelecimento de comunidades cristãs, que sejam «sinais da presença de Deus no mundo»²³ e na fundação de Igrejas locais²⁴; compromete-se num processo de inculturação, para incarnar o Evangelho nas culturas dos povos²⁵; e também não deixará de conhecer alguns fracassos. «Pelo que diz respeito aos homens, aos grupos humanos e aos povos, a Igreja só a pouco e pouco os atinge e penetra, assim os assumindo na plenitude católica»²⁶.

855 A missão da Igreja requer um esforço *em ordem à unidade dos cristãos*²⁷. «De facto, as divisões entre cristãos impedem a Igreja de realizar a plenitude da catolicidade que lhe é própria, naqueles seus filhos que, sem dúvida, lhe pertencem pelo Baptismo, mas que se encontram separados da plenitude da comunhão com ela. Mais ainda: para a própria Igreja, torna-se mais difícil exprimir, sob todos os seus aspectos, a plenitude da catolicidade na própria realidade da sua vida»²⁸.

856 A tarefa missionária implica *um diálogo respeitoso* com aqueles que ainda não aceitam o Evangelho²⁹. Os crentes podem tirar proveito para si mesmos deste diálogo, aprendendo a conhecer melhor «tudo quanto de verdade e graça se encontrava já entre os povos, como que por uma secreta presença de Deus»³⁰. Se anunciam a Boa-Nova aos que a ignoram, é para consolidar, completar e elevar a verdade e o bem que Deus espalhou entre os homens e os povos, e para os purificar do erro e do mal, «para glória de Deus, confusão do demónio e felicidade do homem»³¹.

CIC 1122, 1533: a vocação para a missão

1122 Cristo enviou os Apóstolos para que, «em seu nome, pregassem a todas as nações a conversão para o perdão dos pecados» (*Lc* 24, 47). «Fazei discípulos de todas as nações, baptizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (*Mt* 28, 19). A missão de baptizar, portanto a missão sacramental, está implicada na missão de evangelizar; porque o sacramento é preparado pela *Palavra de Deus e pela fé*, que é assentimento à dita Palavra:

«O povo de Deus é reunido, antes de mais, pela Palavra de Deus vivo [...]. A pregação da Palavra é necessária para o próprio ministério dos sacramentos, enquanto são sacramentos da fé, que nasce e se alimenta da Palavra»³².

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 40: AAS 58 (1966) 1058.

²² Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 42-47: AAS 83 (1991) 289-295.

²³ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 15: AAS 58 (1966) 964.

²⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 48-49: AAS 83 (1991) 295-297.

²⁵ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 52-54: AAS 83 (1991) 299-302.

²⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 6: AAS 58 (1966) 953.

²⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 50: AAS 83 (1991) 297-298.

²⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Unitatis redintegratio*, 4: AAS 57 (1965) 96.

²⁹ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 55: AAS 83 (1991) 302-304.

³⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 9: AAS 58 (1966) 958.

³¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 9: AAS 58 (1966) 958.

³² II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 4: AAS 58 (1966) 995-996.

1533 O Batismo, a Confirmação e a Eucaristia são os sacramentos da iniciação cristã. São o fundamento da vocação comum de todos os discípulos de Cristo – vocação à santidade e à missão de evangelizar o mundo. E conferem as graças necessárias para a vida segundo o Espírito, nesta existência de peregrinos em marcha para a Pátria.

CIC 693, 698, 706, 1107, 1296: o Espírito Santo, a promessa e o selo de Deus

693 Além do seu nome próprio, que é o mais empregado nos Actos dos Apóstolos e nas epístolas, encontramos em São Paulo as designações: Espírito da promessa (*Gl* 3, 14; *Ef* 1, 13), Espírito de adopção (*Rm* 8, 15; *Gl* 4, 6), Espírito de Cristo (*Rm* 8, 9), Espírito do Senhor (*2 Cor* 3, 17), Espírito de Deus (*Rm* 8, 9. 14; 15, 19; *1 Cor* 6, 11; 7, 40), e em São Pedro, Espírito de glória (*1 Pe* 4, 14).

698 O selo é um símbolo próximo do da unção. Com efeito, foi a Cristo que «Deus marcou com o seu selo» (*Jo* 6, 27) e é n'Ele que o Pai nos marca também com o seu selo³³. Porque indica o efeito indelével da unção do Espírito Santo nos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Ordem, a imagem do selo («sphragis») foi utilizada em certas tradições teológicas para exprimir o «carácter» indelével, impresso por estes três sacramentos, que não podem ser repetidos.

706 Contra toda a esperança humana, Deus promete a Abraão uma descendência, como fruto da fé e do poder do Espírito Santo³⁴. Nessa descendência serão abençoadas todas as nações da terra³⁵. Essa descendência será o Cristo³⁶, no qual a efusão do Espírito Santo fará «a unidade dos filhos de Deus dispersos»³⁷. Comprometendo-Se por juramento³⁸, Deus obriga-Se, desde logo, ao dom do seu Filho muito-amado³⁹ e ao dom do «Espírito Santo prometido, que constitui o título de garantia da nossa herança para a redenção do povo que Deus adquiriu para Si mesmo»⁴⁰.

1107 O poder transformante do Espírito Santo na liturgia apressa a vinda do Reino e a consumação do mistério da salvação. Na expectativa e na esperança, Ele faz-nos realmente antecipar a comunhão plena da Santíssima Trindade. Enviado pelo Pai, que atende a epiclese da Igreja, o Espírito dá a vida aos que O acolhem e constitui para eles, desde já, as «arras» da sua herança⁴¹.

1296 O próprio Cristo se declara marcado com o selo do Pai⁴². O cristão também está marcado com um selo: «Foi Deus que nos concedeu a unção, nos marcou

³³ Cf. *2 Cor* 1, 22; *Ef* 1, 13; 4, 30.

³⁴ Cf. *Gn* 18, 1-15; *Lc* 1, 26-38.54-55; *Jo* 1, 12-13; *Rm* 4, 16-21.

³⁵ Cf. *Gn* 12, 3.

³⁶ Cf. *Gl* 3, 16.

³⁷ Cf. *Jo* 11, 52.

³⁸ Cf. *Lc* 1, 73.

³⁹ Cf. *Gn* 22, 17-18; *Rm* 8, 32; *Jo* 3, 16.

⁴⁰ Cf. *Ef* 1, 13-14; *Gl* 3, 14.

⁴¹ Cf. *Ef* 1, 14; *2 Cor* 1, 22.

⁴² Cf. *Jo* 6, 27.

também com o seu selo e depôs as arras do Espírito em nossos corações» (2 Cor 1, 21-22)⁴³. Este selo do Espírito Santo marca a pertença total a Cristo, a entrega para sempre ao seu serviço, mas também a promessa da protecção divina na grande prova escatológica⁴⁴.

CIC 492: Maria, escolhida antes da criação do mundo

492 Este esplendor de uma «santidade de todo singular», com que foi «enriquecida desde o primeiro instante da sua conceição»⁴⁵, vem-lhe totalmente de Cristo: foi «remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho»⁴⁶. Mais que toda e qualquer outra pessoa criada, o Pai a «encheu de toda a espécie de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo» (Ef 1, 3). «N'Ele a escolheu antes da criação do mundo, para ser, na caridade, santa e irrepreensível na sua presença» (Ef 1, 4).

⁴³ Cf. Ef 1, 13; 4, 30.

⁴⁴ Cf. Ap 7, 2-3; 9, 4; Ez 9, 4-6.

⁴⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 56: AAS 57 (1965) 60.

⁴⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 53: AAS 57 (1965) 58.